

# RESENHA



## **RESENHA: A REALIDADE DA CIBERCULTURA: DA FASCINAÇÃO À MISÉRIA**

*Luiz Gonzaga Silva Adolfo*<sup>269</sup>

*Vinicius Cassio Swarowski*<sup>270</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Em um mundo cada vez mais tecnológico e informatizado, onde apenas um clique leva a um mar infinito de resultados, o homem é obrigado a estar sempre conectado para não ser considerado obsoleto. Com esses contínuos avanços, principalmente, com a criação da Internet, houve uma transformação do lugar onde se vive, e o ser humano estabeleceu vínculos com o mundo inteiro por meio das redes. Assim, conseguir se comunicar com qualquer pessoa, em qualquer lugar e fazer parte deste universo digital, também chamado de cibercultura, virou essencial.

O livro *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura*, produzido por Ciro Marcondes Filho, busca, em seus oito capítulos, gerar uma reflexão acerca do modo como a tecnologia traz alterações e consequências nas relações sociais, na comunicação educacional. É o que se enfoca neste texto, mesmo que em voo de pássaro.

### **WINNICOTT E A QUESTÃO DA NÃO COMUNICABILIDADE**

No primeiro capítulo, o autor busca mostrar a comunicação sob o olhar de um bebê, descrevendo como ocorre o processo de comunicação entre ele e a mãe, ou seja, a relação materna, o ambiente que se apresenta e a interação com os objetos.

---

269 Doutor em Direito pela Unisinos (RS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC (RS). Professor do Curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA (Gravataí, RS). E-mail: gonzagaadolfo@yahoo.com.br

270 Acadêmico do Curso de Direito da UNISC-RS.

Nesse sentido, Winnicott tem por teoria a “provisão ambiental”, que seria o ambiente em que a mãe está presente da maneira menos intrusiva. Apesar de ser uma teoria pouco utilizada, a questão-chave é o modo como, desde pequeno o homem emprega certos tipos de linguagem por meio de gestos, para que se faça entender, já que ainda não dispõe da fala.

Outro aspecto importante que tem destaque é a comunicação pelo contato físico. Nesta fase, o autor destaca a importância para o desenvolvimento do ser humano de estimular o ato de criação e de descobrimento, a fim de ampliar a sua capacidade intelectual sem a intervenção da mãe. Este processo chama-se comunicação silenciosa. Tal comunicação tem por característica o território onde a mãe “ausente” tem com o bebê uma sintonia, a qual Winnicott denomina de espaço transicional.

Ao analisarem esse raciocínio, muitos estudiosos entendem que tal teoria pode ser comparada com a de Merleau-Ponty, distinguindo-se dela somente pela nomenclatura. Para Merleau, o nome adequado seria espaço fenomenal ou campo vivencial. Formado esse campo, ele cria uma reciprocidade na troca de subjetividade, *ele vai do eu ao não eu, do bebê à mãe e vice-versa, sendo uma espécie de entre-deux* (p. 23). Este entre-deux é a pura teoria da comunicação, é aqui que ela realmente acontece e ganha significado e sentido.

Winnicott acredita que a solidão é essencial para a criação do ser, dizendo que sua formação dá-se com a geração contínua de conhecimento, que se faz e se desfaz constantemente, surgindo assim novas experiências a cada nova pesquisa.

## **JOSÉ GIL, AS PATOLOGIAS E A COMUNICAÇÃO DE INCONSCIENTES**

Marcondes Filho procura, neste texto, apresentar alguns fatos, explicando como acontece a relação entre seres humanos e máquinas, além de falar sobre a necessidade e a dependência que se criou frente a este espaço virtual. Um dos focos questionados é o isolamento do indivíduo. Conforme ele se distancia do contato físico

para preservação pessoal, acaba por estabelecer relações em redes eletrônicas, relações entendidas como mais “seguras” para si.

É perceptível a preocupação do autor com o fato de se estar perdendo a importância da atmosfera da comunicação, aquela face a face, em que realmente ocorra um evento comunicacional, onde há percepção de gestos feitos pelo outro, de palavras no ar e, até mesmo, do sexto sentido, para dar espaço às máquinas, uma vez que se tornam “objetos fetiches emissores de desejos”. Esta expressão, segundo ele, seria o poder de autonomia que esses equipamentos vão desenvolvendo, pois são capazes, inclusive, de dar ordens ao seu proprietário. Para exemplificar, Marcondes Filho cita os brinquedos japoneses, mais especificamente os *tamagoshis*, que são criados para simular a vida de um animalzinho de estimação, estimulando a criança a interagir e seguir os desejos do animal.

## A QUESTÃO TÉCNICA

No terceiro capítulo tem-se uma abordagem conceitual da cibernética sobre a evolução do seu termo, que ao longo do tempo sofreu modificações e filosófica, na qual o autor traz uma gama de informações sobre como a filosofia técnica trata os humanos e quais as consequências de toda esta tecnologia na esfera educacional e científica.

Destacam-se dois trechos que são base para a construção de um raciocínio inicial, o primeiro diz: “a filosofia da técnica trata humanos como componentes do sistema [...] ela expurga os atributos especificamente humanos, como o tédio, a loucura, a criatividade, a intuição, a relação estética com o mundo... e, o segundo: De certa forma, o espírito da técnica tenta matar o rosto [...] (p. 40). Aqui, fica claro que se está abrindo mão do contato corporal. É como se o ser humano estivesse se transformando em máquina, quando ele menciona a tentativa de matar o rosto: passa-se a ideia de que, simplesmente, todos são iguais, como se todos virassem objetos.

A comunicação no universo ciber, feita a distância, é considerada pobre quando comparada à forma tradicional, frente a frente. Inclusive,

Tapias diz que “as conexões em rede não compensam as carências de relações diretas, por incluírem estas em todo o corpo” (p. 46). Claro que também não há que se dizer que a comunicação presencial não encontra dificuldades, pois elas existem e são muitas. Um exemplo é o caso de uma pessoa se sentir intimidada diante de outra, muitas vezes, criando situações desconfortáveis, não permitindo a continuação da interação.

## A QUESTÃO FILOSÓFICA

Aqui o leitor se depara com a expressão “um mundo zerado”, uma metáfora utilizada pelo autor para representar a capacidade do ciber mundo, dizendo que ele é marcado por “zero demora, zero estoque, zero memória, zero cultura, zero identidade, zero instituição, zero política, zero real” (p. 59). Assim denominado por Finkelkraut e Soriano, esse mundo representa o rumo a que tais tecnologias avançadas, independentes e autônomas estão levando a sociedade. Não há frase melhor para descrever este pensamento do que as palavras do autor: “tudo se constrói e se destrói ao toque de uma tecla” (p. 59).

Com essa construção, Ciro expressa a ideia da possibilidade de destruição de arquivos – textos inteiros ou qualquer conteúdo armazenado no computador – com apenas uma tecla. Em uma fração de segundo, tudo se perde. Assim, ele faz analogia com a comunicação, mostrando que, com as novas tecnologias, acaba-se por deletar o que se aprende quando mais jovens – na fase de desenvolvimento quando ainda bebês, na da comunicação frente a frente, gestual, sentimental –, substituindo tudo por um objeto que é imparcial, incapaz de representar nossas expressões.

Voltando-se à terminologia do mundo “zerado”, Marcondes Filho traz também dois pensamentos dignos de serem mencionados. O primeiro – o modo de pensar – seria a única coisa que ainda nos diferencia dessas máquinas que tomam decisões baseadas na lógica da programação para a qual foram desenvolvidas enquanto o ser humano age segundo seus valores e sentidos, que muitas

vezes se opõem a posicionamentos racionais. O segundo, ao lado desta “zerificação” do mundo, mostra que existe uma compulsão em estarmos permanentemente conectados, sempre à disposição, ou seja, ininterruptamente on-lines, o que é chamado por Heidegger de *bestand*, que seria uma forma de se estar sempre disponível, e essa compulsão passa a ideia de escravização humana perante as máquinas.

Em seguida, o jornalista e sociólogo traz o que há por detrás do “mundo zerado”, outra linha de raciocínio, mas que agora se torna psicológica. Onde explica a nova forma do poder nas tecnologias do imaginário. Trata-se do poder da sedução e de desafiar a produção humana, usando um exemplo muito interessante: “a mulher não se opõe ao homem, ela o seduz” (p. 70), ou seja, a tecnologia fascina e faz com que as pessoas queiram cada produto novo.

E, por final, tem-se a reflexão sobre o metáforo e a sociologia compreensiva, onde há a diferenciação dos dois termos. O primeiro seria a intenção de apurar o olhar do pesquisador, “se colocar no lugar do outro, sem ser o outro” (p. 80); e a sociologia compreensiva seria o inverso, seria a compreensão do sentido ou a interpretação particular.

## **PENSAMENTO, LINGUAGEM E CHATS**

No quinto capítulo, Ciro Marcondes Filho discorre sobre a mudança do perfil do internauta, utilizando a terminologia dada por Petit Robert, flâneur e zapeur. O primeiro é o sujeito que não se preocupa com o espetáculo que passa ao seu redor, navega sem pressa e sem compromisso; já o segundo é o oposto, o que se torna mais dinâmico na net, é mais rápido e acaba despejando mais palavras na rede. Para explicar essa mudança, o autor menciona a hipótese de Bastos, dizendo que o sujeito se transforma devido à “carência de comunicação” existente nos centros urbanos.

O grande problema é a perda do sentido na comunicação. Hoje, as conversas através dos chats são construídas e desconstruídas rapidamente. Citando Bastos, Marcondes Filho diz que “as falas, não sendo exatamente um diálogo, são pautadas por um corte bruto e

recorrente entre os temas inseridos e rapidamente desenvolvidos: algo parecido a um experimento de velocidade” (p. 95), ou seja, quase não há tempo para se buscar a interpretação do sentido da conversa, simplesmente, há uma vontade desenfreada de se expressar de maneira contínua. Os temas não são desenvolvidos, não são discutidos, são bombardeios de falas e comentários.

Mas, apesar de todos esses questionamentos, os *chats* não são de todo o mal. Pode-se tirar algo de criativo deles. Mais uma vez esteado em Bastos, Marcondes Filho destaca os ambientes onde se encontre tensão, gerados pela diferença dos agentes, e complementa dizendo que, se forem consideradas as frases sem nexos, as palavras soltas, será possível encontrar novas lógicas, novos olhares.

Pode-se destacar neste capítulo mais uma preocupação entre os pesquisadores, com a constatação de que se está sofrendo com esses acontecimentos. O que se trata aqui é não se poder identificar, muitas vezes, o rosto do outro. Esse distanciamento físico torna as pessoas perversas, frias, “as pessoas interagem mais descompromissadamente pela ação da tecnologia à distância” (p. 112). Cada um relaciona-se com diversas pessoas sem ser visto porque todos são “protegidos” pela tecnologia. Essa distância entre as pessoas deixou o ser humano muito cruel, conforme relatado no livro: “a não necessidade de olhar o outro, de encará-lo de frente permitiu, em outros tempos, operações perversas com o apoio de aparatos técnicos, como a destruição maciça de pessoas em ataques nucleares [...] tornou-as menos indigestas” (p. 112).

## LIGAÇÕES, COMUNIDADE E INTERATIVIDADE

Quando se fala em ligações, na cibercultura, têm-se vários sentidos para serem trabalhados. Amparado em Bragança, Marcondes Filho diz que elas “podem ser entendidas como links que são operados nas diversas plataformas de utilização das redes” (p. 117). Notícia também que Merleau-Ponty as chama de fios intencionais que conectam as pessoas ao mundo. Tais ligações podem ser reproduzidas por imagens e representam uma conexão técnica com o indivíduo. Ele



possui total liberdade de espaço na rede na qual serão formados seus vínculos com a conectividade. Tal liberdade, no entanto, é considerada enganosa para Bragança, visto o capítulo 4, que discorre sobre a possibilidade de o indivíduo se desconectar dessa rede. O que se questiona neste instante do texto é o esquecimento das “ligações atrativas” dos indivíduos e as ligações irracionais. O autor traz como exemplo dessas ligações a paixão na época do romantismo, a inspiração do artista e, até mesmo, a loucura.

O estudo da interatividade reabre novamente a questão do sentido. O foco a ser destacado agora é quanto ao sentido estar relacionado com o tempo em que esta interatividade acontece. Para exemplificar, o autor traz a diferenciação entre o conflito frente a frente e aqueles que são mediados pelo computador, que são as trocas de e-mails e, até mesmo, o diálogo em tempo real. O que ele procura desenvolver é a ideia de que a presença do outro facilita o processo na resolução de conflitos. Uma vez percebida a reação do outro, torna-se mais fácil adaptar a maneira de falar; ao contrário do e-mail, onde, muitas vezes, os conflitos são gerados por falha na comunicação, pelo espaço de tempo criado entre o seu envio e recebimento. Aqui o autor cita o exemplo de ambiguidades nas frases prejudicando entendimento.

## ALTERIDADE

O objeto de pesquisa neste capítulo é filosófico, uma discussão entre os conceitos de diferença e repetição. Tal observação se faz necessária para partir-se em direção ao campo da cibercultura.

A alteridade aqui é encontrada nos relacionamentos criados na rede, geralmente, realizados entre seres estranhos. Para exemplificar a alteridade no mundo virtual, Marcondes Filho cita dois tipos: a *títtere* e a *mascarada*. A primeira, a *títtere*, seria uma pessoa que manipula uma personagem na rede sem ser vista, aquela que, quando interage com a personagem, não consegue ser identificada, como por exemplo, os avatares criados no mundo eletrônico, no jogo *second life*. Já a segunda, a *mascarada*, como o próprio nome diz, é uma pessoa que muda completamente suas características reais, como sua idade,

sexo, nome, etc., ela mascara sua identidade física.

A alteridade acarreta diretamente a perda da referência natural humana, restando somente a linguagem. Para o autor, “o outro vira um bonequinho sem traços físicos distintivos [...] fica apenas o fantoche, o títere, um bonequinho eletrônico construído com peças, roupas, corte de cabelo já dados e repetitivos” (p. 146). O indivíduo perde a sua existência como pessoa, o contato físico, o carinho, a confiança, tudo se desfaz no virtual e a vida se torna artificial. O que preocupa é que este mundo virtual, nos dias de hoje, tornou-se mais importante que a vida real, porque, “na rede, cada um pratica o que quer, é rei em seu domínio, realiza, por fim, a fantasia de onipotência e de felicidade que tanto sonhou” (p. 149).

As pessoas desistem de buscar seu espaço no mundo real por ser algo demorado, a construção é árdua, ao contrário da rede, *locus* onde tudo é momentâneo, instantâneo e fácil. A única diferença é que, da mesma maneira que se criam as coisas com facilidade e rapidez, na rede, a destruição é recíproca.

Torna-se muito difícil desconectar-se desta tecnologia visto que, a cada dia, mais aparelhos avançados, com muito mais recursos, surgem no mundo. E, quando se consegue fazer a desconexão, há um choque com a realidade, como o próprio autor comenta: “quando se encontra as pessoas de carne e osso e se tem que conviver com elas, aceitá-las, tolerá-las, ouvir as coisas impróprias que dizem, perceber olhares indiscretos ou reprovadores, perceber cheiros e hálitos, todas essas manifestações e excreções do outro invadem o reinado feliz do meu ego. E que são, quer se queira, quer não, o que define o que é de fato viver” (p. 150). Este trecho sintetiza tudo o que se discutiu durante a leitura do livro: as pessoas estão se acostumando a serem iguais, e, quando aparece algo que as incomoda, apagam-no no mundo virtual e, simplesmente, “desligam” o outro.

## A QUESTÃO ESTÉTICA

O último capítulo da obra em estudo trata da estética na tecnologia que acompanhou o avanço eletrônico e acabou por extinguir as

verdadeiras “obras de arte”. Isso aconteceu porque os valores estéticos foram transformados e, no relato do autor, “a pintura deixa de ser um formato privilegiado, cedendo espaço às ambientações, às instalações, aos arranjos [...]” (p. 165), em outras palavras, à computação na sua criação de cenários, efeitos e estruturas, como, por exemplo, o cinema, que seduz muito mais o público do que um quadro em um salão de artes.

O foco da pesquisa é o objetivo da obra estética. A obra de arte tem a intenção de chamar a atenção das pessoas para um mundo diferente. O livro traz como referência os artistas plásticos, que “promovem intervenções no cenário urbano visando quebrar a indiferença das pessoas diante do mundo e de um tempo de pressa e dispersão” (p. 167). Por outro lado, o mundo ciberestético preocupa-se em enfeitiçar as pessoas e levá-las ao consumo dos produtos criados por meio de propagandas, imagens e demais cenários projetados.

No mundo cibercultural, a estética tem outra função social. Para Nietzsche, Baudelaire e Calvino é muito clara a ideia de que “as expressões estéticas ciberculturais não se interessam pela ‘reafirmação da vida além do absurdo e da dor do mundo’, que isso sequer é intenção de seus realizadores, muitos deles mais preocupados com os efeitos mágicos, visuais, sinérgicos de todas as peças envolvidas na construção do objeto”. (p. 169). Percebe-se que os meios de comunicação virtuais pretendem, no primeiro momento, atrair o público mais com o visual do que com a informação a ser repassada e, muitas vezes, a maquiagem para torná-la menos indigesta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marcondes Filho é pesquisador, professor na disciplina Teoria da Comunicação da USP, jornalista e sociólogo. É também mestre em Letras e Ciências Humanas pela USP, doutor pela Universidade de Frankfurt e pós-doutor pela Universidade de Grenoble. Já publicou cerca de 40 livros nas áreas de comunicação, jornalismo e cibercultura.

A obra em comento é muito bem elaborada e apresenta ao leitor diversos aspectos do desenvolvimento virtual. Mostra ambos os lados,

o positivo e o negativo, de toda esta tecnologia, permitindo que cada um tire suas próprias conclusões.

É mais um bom livro que nos faz refletir de modo efetivo e eficaz sobre as várias nuances que envolvem a configuração da Sociedade da Informação.

Recomenda-se leitura.

## REFERÊNCIA

MARCONDES FILHO, Ciro. *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

---

**Artigo recebido em: 02 set. 2012.**

**Artigo aprovado em: 02 ago. 2013.**

---